

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1905

N.º 154

## Bispo do Amazonas



† em 5-6-905, no hospital de S. José

Morreu em Lisboa, no hospital de S. José, poucos dias depois de chegar a Portugal, D. José Lourenço da Costa Aguiar, illustre bispo do Amazonas, que ha alguns annos conhecemos em Mandos, onde o nullogrado prelado gosava de gerans sympathias. D. José Aguiar nasceu em Mandos em 1845. Formou-se em theologia em Roma pela Universidade Pontificia. Foi o primeiro bispo da diocese amazonica, creada em 1903, suffraganea do arcebispado da Bahia, primacial do Brasil e da provincia ecclesiastica do Norte. Foi deputado no tempo do Imperio, eleito pelo Pará, e, na tribuna e na imprensa, defendeu sempre a abolição da escravatura, votando a lei de 13 de maio no parlamento, sendo regente a princeza D. Isabel. Proclamada a republica no Brasil, abandonou a politica. Por essa epoca visitou Lisboa.

O illustre extincto, que se hospedára em casa da sr.ª condessa da Redinha, projectava partir em breve para a Allemanha, onde iria consultar os especialistas da doença que o minava — a diabetes. Infelizmente a morte surpreendeu-o dias depois de pôr pé em terra portugueza, terra que leve lhe será.

No dia 3, D. José Aguiar foi confessado e unido pelo sr. arcebispo de Mytilene, estando presente o sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e n'essa tarde por conselho do dr. Mattos Chaves, deu entrada no hospital de S. José, onde na madrugada de 5 expirava serenamente. Uma congestão havia-lhe paralyzado todo o lado esquerdo. Depositado o seu cadaver na capella do hospital, foi na tarde de 5 transportado, com grande pompa, para o cemiterio dos Prazeres, e ali ficou dormindo o seu derradeiro somno no jazigo dos reverendores padras do Corpo Santo.

Para o «Brasil-Portugal» foram expressamente tiradas algumas photographias da capella e do funeral.

# CHRONICA

Os povos como os velhos vivem da sua historia, quando o presente lhes não fornece ensejo para outros feitos ou preocupações novas. A's chronicas succede o mesmo, e sobretudo na estação que se esboça, apezar de soprar uma aragem de outono e o azul celeste tão cantado pelos poetas em verso, e pelas lojas de modas em fazenda, estar transformado em azul muito escuro, roçando por vezes



Bispo do Amazonas. — Na capella do Hospital de S. José

nas nebruras do preto. Fazemos como os povos, e como os velhos, que já somos, e vamos rebuscar na historia, a proposito do presente, coisas antigas.

Acaba de morrer ha meia duzia de dias e ha de baixar á sepultura no dia em que sahir este numero do *Brasil Portugal*, um principe allemão que representou talvez sem querer um papel preponderante na historia da Europa do seculo XIX e que em Portugal e no Brasil foi muito conhecido, pelos laços de parentesco, que o casamento lhe deu, com a familia real dos Braganças. O principe Leopoldo de Hohenzollern, casa á qual a Prussia deve toda a sua grandeza, era hoje general no exercito allemão e foi ha trinta e seis annos um dos muitos indigitados para rei de Hespanha. Atribuem os historiadores a essa candidatura o rompimento das hostilidades, entre a França e a Prussia, que provocaram a guerra de 1870 tão funesta á primeira e geradora do grande imperio allemão.



Bispo do Amazonas. — A saída do feretro do hospital de S. José

Fôra exactamente esse principe que annos antes viera a Lisboa desposar uma princeza portugueza, a infanta D. Antonia, a unica que sobrevive dos seis filhos da rainha D. Maria II. Era então, em 1861,

a senhora D. Antonia de rara formosura e bondade. O grande Castilho convidado pelo director da «Revista Contemporanea» a acompanhar o retrato de sua alteza com uns versos, traçou-lhe o perfil n'esta deliciosa carta:

Instais-me por versos de que se acompanhe o retrato de uma princeza a Senhora D. Antonia. Bem folgaria eu de lancar flores no altar em que a saudade dos portuguezes vae adoral-a em effluje. Tentei, diligenciei, insisti; não pude. Outrem que logre essa fortuna. Um homem para o desempe-



Bispo do Amazonas. — No cemiterio dos Prazeres

Na frente, as borlas: — Arcebispo de Mytilene e Nuncio de Sua Santidade

nho terieis vós tanto á mão, que até vos é de casa, se a politica, apreciando-lhe o talento e o saber, o patriotismo e a actividade, nol-o não tivesse agora arrebatado para os conselhos da corôa; e assim mesmo talvez que a promptidão d'aquelle raro engenho vos possa acudir n'este grande aperto. Oxalá! Se assim fór, dar-me-hei eu proprio os parabens da minha actual impossibilidade.

Estamos entrados á estação dos versos; faço-os quasi todos os dias; são ainda as delicias da minha vida. Agora mesmo ali me estão desafiando a cantar não sei que passarinho nas olaias rosadas do meu jardim. Invoco ao som d'esta musica innocente a suave lembrança d'aquelle anjo de dezanete primaveras, que um amor feliz nos levou para tão longas terras, e... não sei; não posso; desencanadamente não posso.

Bem visto que o mimoso objecto proposto aos meus cantos é um thesoiro de todas as virtudes, cercado de todas as graças, naturaes e adquiridas, thesoiro que nós perdemos, com que a Allemanha se enriqueceu, que toda a Europa e todo o mundo invejaria; mas é tão densa a casta sombra que o recobre desde que entre nós appareceu na terra até o dia de hoje, tem aquella existencia corrido tão sem estrondo socegada por baixo de suas copas verdes e floridas, que mal se lhe percebe, ou cuida perceber, algum murmúrio. Isto é muito para a felicidade, sobra para a sympathia, para o



Bispo do Amazonas. — No cemiterio dos Prazeres

Cliehes de A. Lima.

amor, para a adoração; mas não me basta a mim para um poema. Para celebrar as fragancias longinquoas da violeta emboscada, é preciso ser o rouxinol.

Iria eu falar do cortejo innumeravel de reis e rainhas, de principes e princezas que derramaram esplendores no seu berço doirado? Não são ella; e quando n'ella penso, desaparecem-me.

Diria que recebeu da Mãe as virtudes no sangue e nos exemplos? do Pae o affecto; o entusiasmo do bello, a consagração artistica? do seu anjo da guarda a innocencia? do céu de Portugal a pureza e a formosura? do proprio coração a affabilidade, a caridade, o regaço de rosas de Santa Isabel? Quem ha que o ignore?

A sua vida intima e propria, que era o tudo para o nosso caso, devolve-se, repito, obscura por entre as magnificencias a que parece emprestada; a maior parte da sua historia quem a sabe são os pobres e é Deus que a regista para si.

E' uma indole excellente; eis ahi tudo que pude apurar nas minhas investigações. Se tivesse nascido na obscuridade de uma choupana, se não conhecesse paes, se guardasse um rebanho flando n'uma roca para subsistir, seria ainda venerada como Princeza por quantos a conhecessem. Torno a dizer, meu caro amigo: isto é muito para a felicidade, mas para a poesia, como vós a quizerdes, e eu ambicionava consagrar-lh'a, está muito longe de bastar.

Lisboa 17 de março de 1862.

A. F. de Castilho.

Uma corveta, celebre por mais de um titulo, a *Bartholomeu Dias*, conduziu a seu bordo os noivos, ambos então moços, e cheios de esperança. O principe, em contracto anti-nupcial convertido em lei depois de approved em côrtes, e do qual foram negociadores o ministro dos negocios estrangeiros, Antonio José d'Avila, que morreu duque d'Avila, e o barão Adalberto de Rosenberg, ministro prussiano em Lisboa, assegurava á Princeza o dote de noventa contos em dinheiro, um enxoval completo, e seis mil thalers annuaes, para o que se chamava os seus allinetes. Por sua morte, e é o caso de agora, a princeza ficaria com uma habitação no principado, e o rendimento



Bispo do Amazonas. — No cemiterio dos Prazeres: Entrada para o jazigo

annual de vinte mil thalers, afóra a terça que por testamento lhe pudesse deixar o marido.

As festas do seu casamento, a 12 de setembro de 1861, tiveram a maior imponencia. Reinava então D. Pedro V e viviam ainda a duquesa de Bragança, viuva de D. Pedro IV, imperatriz do Brasil e madrastra do imperador D. Pedro II; a infanta Isabel Maria, cujo nome tão ligado andou á historia das luctas civis que terminaram em 1834; os infantes D. João, D. Augusto e o que depois foi el-rei D. Luiz; e



Bispo do Amazonas. — No cemiterio dos Prazeres.  
Reverendo Luiz Avelino Figueiredo,  
capellão fidalgo da Casa Real, cura do hospital de S. José  
Hebês de A. Lima.

seu pae o rei D. Fernando. Da Prussia vieram as senhoras nomeadas para damas de sua alteza e que logo depois do casamento entraram de serviço, e o principe Carlos irmão mais novo do noivo. A ceremo-

nia do casamento realisou-se na capella das Necessidades, com a maior pompa, havendo grandes illuminações e um baile na legação da Prussia, ao qual assistiu a familia real, dançando na quadrilha de honra a princeza noiva com seu irmão o rei de Portugal, o noivo com



Grupo tirado na legação da America por occasião do almoço oferecido aos bispos brasileiros de Marianna e do Amazonas, em 4 de junho

Da esquerda para a direita: — Monsenhor Quartin, Oscar Rediti, director da companhia dos «Wagon-lits», padre O'Sullivan, coronel Page Bryan, e padre Fructuoso.

a duquesa de Saldanha, D. Fernando com a ministra da Prussia, e o ministro com a esposa do ministro dos estrangeiros, que vive ainda hoje, a senhora duquesa d'Avila.

Só em 1887, vinte e seis annos depois do casamento, voltou a In-



Grupo tirado no Lumiar, em 2 de junho, depois do almoço oferecido pelos Dominicanos ao bispo do Amazonas

Da esquerda para a direita: — Padres O'Kelley e Dyson, sr. de Bessegué, ministro do Mexico, coronel Page Bryan, monsenhor Bovière, auditor do Nuncio, e padres Fructuoso e O'Sullivan.

Hebês de H. F. Strout, secretario do ministro da America.

fanta D. Antonia a Lisboa com seu marido, demorando-se entre nós uns mezes. A linda menina de 1861 estava transformada n'uma senhora formosissima, cujos cabellos começavam então a embranquecer. Alta, elegantissima, de uma rara distincção, a Princeza de Hohenzollern vinha assistir ao baptisado de seu segundo sobrinho, hoje o Principe Real D. Luiz Filippe.

Lisboa gostou de a ver, e mostrou-lh'o na entusiastica curiosidade com que foi ao seu encontro, nas provas de sympathia com que por toda a parte a acolheu, e ainda na delirante manifestação de es-



Clifé de A. Lima.  
Fachada do antigo convento dos Capuchos, em Caparica (Ruínas)

tima uma noite em S. Carlos. Essa manifestação, que teve a impressionadora nota da espontaneidade, provocou na illustre princeza uma sincera commoção. Alguns dos que ella conhecera estavam já velhos, muitos, a maior parte, tinham desaparecido. E no emtanto parecia que a rodeavam ainda os que a haviam querido, os que a tinham visto partir ainda criança, tão intensa e tão profundamente vibrava a alma de todos n'essa tocante saudação. El-Rei D. Luiz não era dos menos sensíveis a essa impressão, e quando o bondoso monarcha, com a Rainha e com toda a sua familia desapareceram do camarote, deixando sósinha a Infanta, para salientar bem que essas aclamações a visavam especialmente, a ovação redobrou, accrescida de vivas a El-Rei e à Rainha. Por certo essa noite de S. Carlos deve ter ficado gravada na memoria da illustre Princeza que a viuvez cobre hoje de crepes.

O Principe Leopoldo era um bello typo de allemão. Deixa tres filhos, todos tres militares e já casados. O mais novo, Carlos Antonio, que tem 37 annos, seguiu no estado maior japonez a ultima guerra, como addido militar da Allemanha.

São sempre interessantes as recordações do passado, mas são tambem sempre tristes, porque se invocam espectros quando se reconstituem factos. Quarenta e quatro annos que são quasi nada na vida das nações, são muito na vida dos homens. Quasi meio seculo! Uma velhice já! Mas não é preciso ir tão longe para sentir a influen-



Ordenança de cavallaria da Municipal,  
medalha de prata de comportamento exemplar, 20 annos de serviço...  
e 6 de idade.

Tal foi a pequenina Maria da Luz da Costa e Menezes... pelo entrudo

cia destruidoramente implacavel da Morte. Vinte cinco annos apenas depois da celebração do centenario de Camões, cujo anniversario passou ha meia duzia de dias, e já quantas sepulturas abertas pelos que maior parte tiveram n'essa festa patriótica. Dos iniciadores ou organisadores, desapareceram já Luciano Cordeiro que dirigia então o *Commercio de Lisboa*, jornal que tomou a iniciativa da realisação do centenario; visconde de Juromenha, que a suggeriu, porque a um documento por elle encontrado no archivo da Torre do Tombo (1) se deve o conhecimento da data em que o grande poeta havia morrido; Eduardo Coelho, o incançavel fundador e director do *Diario de Noticias*, o jornal que mais divulgou a ideia d'essa realisação; Pinheiro Chrgas, então director do *Diario da Manhã* e um dos collaboradores mais brilhantes do centenario e das suas festas, ás quaes prestou o concurso do seu trabalho, da sua penna e da sua palavra, qual dos tres o mais valioso; Rosa Araujo, ao tempo presidente da Camara Municipal de Lisboa, da qual faziam parte o dr. Rodrigues Camara, medico, José Elias Garcia, official de engenheiros, Antonio Ignacio da Fonseca, cambista em Lisboa, que foi morrer ao Brasil; e quantos mais!...

E no emtanto ha só vinte cinco annos que isto foi! Fez-se então um grande cortejo civico em Lisboa — o primeiro. Antes nunca tinha havido nenhum, depois não tornou a haver outro igual. Procurou-se depois abusar e o resultado foi cairem no ridiculo. *Non bis ni idem!* O que foi realmente pena é que se não houvesse oproveitado o grande exito das festas de 1880 para realisar todos os annos uma festa nacional sob o patronato do grande epico que já uma vez tinha feito o milagre de coagrar todos os portuguezes n'um só sentimento, o patriotismo, que tão alto vibra no poema dos *Lusiadas*.

(1) «63765 réis no thnsoureiro da chancellaria da casa civil a Anna de Sá Camões may de Camões que Deus aja por outros tantos que ao dito seu filho erão devidos do primeiro de Janeiro do anno de DLXXX até dez de Junho d'elle em que falleceu a rasão de 155000 por anno de tença: em Lisboa XIII de novembro de MDLXXXII per dom Duarte de Castel branco.»

(Archivo Nacional LIII de Ementas, fl. 157.)

Assim entrou o mundo, e assim ha-de sair; muitos a reprehendel-o, e poucos a emendal-o.

LUIZ DE CAMÕES.



Um juiz francez... pelo entrudo (Alberta de Souza e Menezes)

# BOLLETICA INTERNACIONAL

**O** inevitavel realizou-se...  
No primeiro encontro com a esquadra de Togo, n'um unico combate, ficou completamente desfeita a esquadra do Baltico. Não foi uma simples derrota. Foi uma catastrophe sem precedente na historia, ao pé da qual o proprio Trafalgar empallidece, e Cavite e S. Thiago parecem meros jogos de crianças.

Como foi que a medonha hecatombe se realizou, não se sabe ainda em todos os seus pormenores. O que se conhece, porém, é de molde a poder avaliar-se a extensão do desastre, que acaba de ferir os russos. D'essa espaventosa armada, que, pela ousadia dos seus propositos, era comparada á invencível de Phillippe II, nada resta. Algumas horas foram suficientes para a aniquilar, e para reduzir a nada o poder marítimo da Russia, que irremediavelmente se afundou no estreito da Corêa.

As causas da pavorosa tragedia, as suas immediatas consequencias, e o terrivel ensinamento que d'ellas todas as nações maritimas

A explicação d'este enigma só póde achar-se na absoluta incapacidade do pessoal russo, a começar pelo proprio almirante, porisso que a lenda de que os navios moscovitas foram destruidos por uns submarinos japonezes ninguem a acredita e é tão verosimil como a historia d'esses torpedeiros que estariam embuscados em Hull para atacar a esquadra do Baltico.

A verdadeira causa do desastre de Rojdestvensky está, não soffre a minima duvida, na incompetencia do pessoal que o acompanhava, e na d'elle proprio. Não basta ser-se corajoso n'uma missão tão delicada, como aquella de que estava incumbido o almirante russo. E' preciso mais alguma cousa, que evidentemente elle não tinha. E foi a falta d'esse «alguma cousa» que o perdeu. E perdeu-o tambem o ridiculo orgulho de suppôr que lograva o almirante japonex, quando de facto era elle proprio que caía no laço, que Togo habilmente lhe armava. Foi por uma enfatuação assim, e igualmente ridicula, que logo no principio da guerra o almirante Makarov succumbiu, victima



O Kronprinz e a sua noiva

*Elle tem 23 annos feitos ella ainda não completou 19. Principe real e imperial da Allemanha, Victor Augusto Ernesto, nasceu a 6 de maio de 1882 no palacio de Marmor, perto de Potsdam. Sua noiva, a duqueza Cecilia Maria, é a irmã mais nova do actual grão-duque de Mecklenburg. O casamento realizou-se em Berlin a 6 de junho de 1905, tendo havido antes tres dias de festas, ás quaes assistiram varios representantes dos soberanos da Europa e delegações dos governos.*

teem a tirar, merecem bem deter a nossa attenção n'este breve momento de descanso, enquanto se prepara a nova chacina em terra, para as bandas de Kirin, a qual já se annuncia pelos primeiros movimentos offensivos dos japonezes.

Como é que uma esquadra, da potencia da que o almirante Rojdestvensky commandava, se deixa não vencer, o que estava dentro da esphera das possibilidades n'uma batalha naval, mas aniquilar toda talmente sem fazer quasi damno algum ao adversario? A explicação só póde encontrar-se ou na absoluta inferioridade do material, ou na completa incapacidade do pessoal, ou em ambas ellas reunidas.

A respeito do material, se é certo que elle não possuia a homogeneidade do japonex, não se póde dizer que fosse absolutamente inferior. Tinha o almirante russo na sua esquadra diversos navios de tipo condemnado e bastante velhos para lhe poderem prestar auxilio efficaz.

Não ha duvida mesmo que esses navios em vez de significarem uma força, representavam indubitavel fraqueza. Mas dispunha de oito couraçados, alguns d'elles magnificos. Sob este ponto de vista a sua superioridade era incontestavel, porisso que Togo não podia dispôr de mais de cinco navios do mesmo typo e poder.

Como é então, que, com taes elementos de combate, o almirante russo deixa destruir todos os seus couraçados sem ao menos fazer pagar cara a victoria ao adversario? Chega a não se comprehender,

do estratagemas em que elle ingenuamente acreditava ter colhido Togo.

Mas a causa da derrota da esquadra do Baltico não deve procurar-se apenas na incapacidade militar do chefe. As tripulações contribuíram para ella tambem com uma larga quota. Gente arrebanhada ao acaso, sem instrucção technica e completamente extranha ao seu officio, havia de proceder como procedeu logo que se encontrasse em presença de um inimigo disciplinado e cheio de enthusiasmo como os japonezes. A respeito da composição do pessoal dos navios russos contam-se historias que pareceriam phantasticas, se o desfecho da batalha de Tsushima não tivesse vindo plenamente confirmal-as. Assim diz-se que o commandante de um dos cruzadores era um official de hulanos, e que mais de um soldado da arma de cavallaria servia a bordo como marinheiro. Com gente assim, como seria possivel vencer, mesmo que o chefe fosse um Nelson?

Aquillo, por parte dos russos, quasi que nem foi batalha.

Foi uma chacina, para que caminharam cegas e inconscientes as pobres tripulações que não faziam a mais pequena ideia do que fosse um combate naval. Porisso não admira que quando o souberam, por se verem em frente da terrivel realidade, se rendessem sem combater, como aconteceu com parte das tripulações do almirante Nebogatov.

Quaes serão as consequencias da catastrophe de Tsushima?

As proximas não pódem deixar de ser, por mais que os órgãos do governo russo se esforcem por annunciar o contrario, a cessação

virtual das hostilidades na Mandchuria e a paz. Nem mesmo com uma victoria de Rojdestvensky podia a Russia contar com uma desforra por terra. Depois do aniquilamento, porém, do poder naval que ainda lhe restava, pensar em prolongar a guerra é mais de que loucura, chega a ser um crime.

Nem a Russia pôde mandar para a Mandchuria mais exercitos, que se possam medir com os japonezes, nem mesmo que os podesse-



O Kaiser nas manobras

enviar conseguiria ali mantel-os. Tardar um dia mais em pedir a paz, por muito doloroso que este passo seja para o orgulho moscovita, é preparar para o exercito de Linievitch uma catastrophe identica á que aniquilou a esquadra do almirante Rojdestvensky. E com uma nova derrota por terra, em que situação fica o prestigio da Russia, já tão tristemente abatido perante o mundo? Por isso, e não obstante todos os desmentidos, continuamos a acreditar, que uma das proximas consequencias da batalha de Tsushima será a paz.

E quaes serão as consequencias remotas da victoria de Togo?

A primeira de todas será firmar de vez a situação internacional do Japão como grande potencia. Nenhuma nação da Europa ou da America poderá disputar para o futuro ao Japão a situação preeminente, que elle acaba de conquistar no Extremo-Oriente. Seria necessaria uma colligação, impossivel de resto de se realisar, para impôr novamente no mar da China a supremacia europeia. Esta supremacia fica pertencendo á historia, e nada haverá que a possa restabelecer. A Russia está excluida para sempre do theatro, onde ella se preparava para representar o primeiro papel. E não só perdeu para sempre a situação que tinha no Pacifico, senão que ficou com a sua posição na Asia Central profundamente abalada. De hoje em diante o seu tradicional poder, que era o principal factor de dominio que se impunha aos povos asiaticos, não assustará ninguém. Todos lhe advinharão a fraqueza e facil será resistir-lhe, mesmo porque a decomposição que o esphacelou na Mandchuria repetir-se-ha no Turkestan, talvez em maior escala ainda. Quer dizer, a Russia perdeu em anno e meio de guerra o fructo de seculos de persistente tenacidade e de inequalavel fortuna.

Mas não é só a Russia que perderá com a victoria definitiva do Japão. As outras nações da Europa, sobretudo a Alemanha e a França, assim como os Estados Unidos, que já se aprestavam a presidir em proveito proprio á repartição da China, tem que renunciar aos sonhos de engrandecimento que acalentavam, e voltar á realidade, bem diferente d'esses sonhos, pelo apparecimento em scena do Japão. A Alemanha terá que contentar-se com Kiau-Tchau (se o poder conservar) e desistir do plano ambicioso de annexar a provincia de Kuantung. A França não poderá expandir-se mais para o norte á custa do imperio chinês, e verá condemnada a uma perda quasi certa em futuro talvez não remoto a sua colonia do Tonkin. Os Estados-Unidos hão-de ver-se obrigados mais cedo ou mais tarde a abandonar as Filipinas, que geographica e ethnographicamente são parte integrante do archipelago japonês.

Só uma potencia ganhou com os triumphos do Japão — a Ingle-

terra, a qual sem disparar um tiro viu aniquilar a sua grande rival asiatica, que tanto a fazia tremer pela sorte da India.

No momento de fechar esta revista duas noticias sensacionaes nos transmite o telegrapho — a demissão do sr. Delcassé de ministro dos negocios estrangeiros, e a separação da Noruega da Suecia. Não ha ainda sufficientes permonores ácerca de qualquer d'estes acontecimentos, de que nos occuparemos na proxima chronica. Ambos, porém, são importantes, pelas consequencias que podem ter e pelos ensinamentos que comportam. A demissão do sr. Delcassé agrava singularmente para a França a questão de Marrocos. Representa indubitavelmente um triumpho diplomatico da Alemanha, porque annulla virtualmente o tratado franco-inglez, na parte que diz respeito a Marrocos. A separação da Noruega da Suecia é importante não só pela transformação, que pode operar no modo de ser das nações escandinavas, mas ainda pela influencia do exemplo n'outros povos, por exemplo na Hungria, que se encontra n'uma situação identica á da Noruega...

Mas o que se passou em Christiania? Não se sabe por ora. Ha apenas dois ou tres telegrammas, por tal signal bem laconicos, e nada mais. Em seguida á recusa do rei Oscar de sancionar a lei, que lhe foi apresentada pelo ministerio norueguez, sobre os consules autonomos para a Noruega, o governo deu a demissão e em seguida o *Storting* votou a dissolução do pacto de união com a Suecia, depoz o rei Oscar, e nomeou um governo provisorio com o competente ministro dos negocios estrangeiros. Que forma de governo, porém, adoptou ou adoptará o *Storting*? Não se sabe. E' provavel, que se encontrar um principe da casa Bernadotte, que se preste a cingir a corôa n'estas circumstancias, adopte a forma monarchica. Senão, proclamará a republica, mais conforme com o genio independente e o feitor democratico do povo norueguez. Mas o que fará a Suecia? Limitar-se-ha a protestar, como o rei Oscar já o fez, dizendo que não reconhece o estado de coisas creado pela votação do *Storting*? Ou tentará impôr pela força aos noruegueses o *statu quo ante*? Esta segunda hypothese, que significaria uma guerra civil entre as duas nações escandinavas, não parece muito provavel.

Em todo e caso o que é admiravel é a forma como a separação se realinou. Foi uma revolução ideal, sem perturbações, sem desordem, dentro da legalidade, se assim nos podemos expressar, mages-



Os noivos de braço dado

tosa como a vontade nacional, que ella punha em execução. Uma revolução assim, unica no seu genero, faz honra á alta cultura do povo norueguez e não pode deixar de ter a mais feliz influencia nos seus destinos futuros. Quando é que no resto da Europa, o povo poderá impôr com tal solemnidade a sua vontade soberana?

# Miguel Dantas Gonçalves Pereira



Digno Par do Reino  
† em Lisboa a 8-6-905

O conselheiro Miguel Dantas, fallecido de repente, victima de uma *angina pectoris*, tencionava partir a 5 de julho para o Rio de Janeiro, onde estivera ainda, havia dois annos, tratando de negocios particulares. Paredes de Coura, villa onde nascera, e á qual queria com entranhado affecto, tudo lhe deve, desde a sua transformação material até ao seu desenvolvimento agricola e commercial. A realisação do caminho de ferro da Povoia applicou com prejuizo proprio um capital importante; á industria de lacticinios dedicou mais tarde a sua actividade, com grande beneficio de toda a região, onde o seu credito era tanto e a sua preponderancia pessoal e politica tão grande, que, nas transacções da sua fabrica, circulava uma moeda especial, conhecida pela moeda Miguel Dantas. Aos pequenos vendedores de leite vindos de toda a parte da região eram fornecidas pequenas fichas que mais tarde juntas, eram trocadas por dinheiro. Essas fichas giravam em Coura como se fossem moeda. Todos as aceitavam, commerciantes, agricultores, industriaes, clero, nobreza e povo, sem distincção de partidos.

A casa de Miguel Dantas ali é uma deliciosa e confortavel habitação, com todo o pittoresco das bellezas naturaes do Minho e com todos os encantos preparados pelo bom gosto e pelo gosto de viver bem.

Ao Brasil, onde adquiriu a sua fortuna pelo commercio, Miguel Dantas muito queria tambem, e ainda não ha muitos mezes, conversando com a pessoa que traça estas linhas, falava com alegria na transformação material soffrida pelo Rio de Janeiro, nos ultimos annos. Regressando ha muitos annos ao seu paiz, dedicou-se á politica. A ambição natural de influir na administração publica, a justa admiração que n'esse tempo a todos inspirava Fontes Pereira de Mello, fizeram-no assentar praça no partido regenerador, e o partido regenerador acompanhou sempre até morrer, com uma dedicação, um desinteresse e muitas vezes um sacrificio dignos do maior elogio. Deputado em consecutivas legislaturas, quer no governo, quer na opposição, foi, ao fim da sua carreira, elevado ao parlamento.

Deixa viuva e uma unica filha casada com o conselheiro Bernardino Machado, antigo ministro das obras publicas, e hoje um dos chefes do partido republicano, ao qual El-Rei dirigiu um telegramma dando os pezames pela morte de Miguel Dantas, que muito havia sentido. E' que Dantas, sem ser um cortezão, era na politica conservadora e monarchica um dos mais prestimosos influentes locais, como hoje raros existem já.

## Bébé, o pensador

Zumbem duas moscas ao de cima do pires em que Bébé acaba de almoçar o seu leite com sopas de pão de ló. Restam migalhas no fundo escorregadio, em que a colher não péga; e as duas moscas, como que julgando mal guardado esse festim lúxuo, approximam-se em circulos concentricos, cada vez mais estreitos, enquanto que Bébé olha á scena com uma curiosidade que lhe põe dois vincos reflectidos na fronte habitualmente serena.

Os seus grandes olhos claros, a sua bocca entreaberta que descobre os primeiros dentinhos, a sua attitude cheia de concentração, com a colher suspensa a meio caminho dos labios, — revelam o trabalho cerebral de um pensador que se esforça por comprehender o que vê. Desappareceu-lhe da physionomia a tranquillidade, ao zumbir d'aquelles dois animacinhos que no seu vôo passam e tornam a passar por dentro de um raio de sol, tomando e abandonando logo a apparencia de insectos feitos com lascas espelheadas de mica: — duas aves de rapina á espreita de uma prêza!... E as suas pernas, immoveis, á depen-

pendura da alta cadeira, dão a idéa culminante da sua attenção: — por coisa nenhuma d'este mundo Bébé estaria quieto, a não ser pelo empenho na solução de um problema que certamente continha triumphos extraordinarios para o seu bem-estar, para o sabor dos seus almoços futuros, talvez para o progresso da humanidade.

Porque Bébé, insensivelmente, espera descobrir no manço d'aquelles adventicios, cubiçosos do resto do seu almoço, a maneira de poder ainda aproveitar as migalhas doiradas que nadam na alvura do leite...

Mas acode-lhe então uma idéa que o faz sorrir com desdem das duas moscas, como se assistisse a um esforço eminentemente ridiculo de pretensão: — é claro que aquellas duas creaturas insignificantes, muito mais pequenas do que a prêza a empolgar, nunca poderão conseguir o que elle não conseguira, armado com a sua colher e podendo inclinar em todos os sentidos o pires.

Bébé encolhe ligeiramente os hombros; e esse gesto traduz o pensamento informe do seu pequeno cerebro que principia a raciocinar um pouco:

— «Coitadas! nem ao menos teem uma colher!...

Mas aguarda os acontecimentos, por descargo de consciencia. Pouco a pouco, sempre volteando, as duas moscas teem approximado o vôo do pires, zumbindo, zumbindo sempre. Em baixo, os sobejos do almoço de Bébé devem parecer-lhes um archipelago de rochas de oiro á flôr de um oceano todo branco, onde vae raiar dentro em pouco, como um oriente, a flecha estreita de sol que roda de seu vagar sobre a meza, similhante a um pouteiro de luz. — Vae amanhecer ali, n'aquellas paragens dormentes ao fundo de um abysmo de porcelana, como tardiamente amanhece n'um valle que altas montanhas rodeiam! — E Bébé espreita sempre aquelles dois piratas do ar, ansioso de ver como elles se tirarão de difficuldades.

Vagarosamente, com um geito de ladrão nocturno, para não espantar as moscas, Bébé desencosta-se da meza até onde o espaldar da sua cadeira lh'o permite, — e olha. Ha então um momento em que ellas ficam immoveis ao de cima do pires, sustentadas por uma vibração imperceptivel das azas. Depois, uma d'ellas desce, e a outra dá mais duas voltas a espionar o horizonte, como para se assegurar da impunidade. Bébé exagera a sua immobildade; e cerra os olhos, enquanto que a mosca, subitamente parada no seu giro, parece fital-o desconfiada, agora sem um zumbido.

Quando torna a abrir os olhos, as duas aves de preza estão pouçadas na vertente do pires, mesmo á beira do leite, d'esta vez como duas aves ribeirinhas á beira-mar, tentando penetrar com a vista a immensidão das aguas. Erguem-se lhes ao longe as ilhotas de pão de ló, abeberadas de leite na base; e as duas moscas consultam-se, enquanto que Bébé, com o olhar arregalado, a respiração suspensa, prepara o salto que arrebatará o seu resto de almoço das garras dos seus commensaes.

O raio de sol tem entretanto marchado, vae já na borda do pires. — E' manhã, emfim! — Vê-se o fundo áquelle immovel oceano, de um branco ligeiramente azulado; faísca o sol na humida porcelana. As duas moscas, como que despertando de um bom somno, espreguiçam as azas transparentes com as patitas, approximam-se do inesperado almoço, mergulham o ferrão no leite, chupam com voluptuosidade cega. Bébé olha um momento aquellas mal educadas, comprehendendo emfim; e de subito, espantando-as com a voz e com o gesto, toma o pires ás mãos ambas, e põe-se a lambel-o soffregamente com a lingua, abandonando a colher, que lhe fóra inutil.

Sabe-lhe melhor esse resto, depois que o tem conquistado á pirataria pelo estudo, pela observação, pela astucia, — pelo genio, emfim. Sente-se engrandecido, ao cabo d'aquelle conflicto de onde a sua finura saiu vencedora. Agora que as duas moscas, affugentadas, andam de novo a esvoaçar longe do pires, como que atarantadas, elle julga ouvir nos seus zumbidos um clamor de derrota que se lamenta estertivamente; e esse clamor faz um côro delicioso ao seu triumpho.

Sempre lambendo o fundo do pires, Bébé sorri-se para ellas, com um arsinho de escarneo.

Depois, tendo saboreado o seu leite e a sua victoria, Bébé descansa, como um trabalhador que tem ganhado honestamente o seu dia.

Distraido, pouisa uma das mãos á beira da meza, esperando na passagem a lista de sol que continua a rodar, scismando vagamente se ella passará tambem sobre os seus dedos. Com effeito, ao cabo de tres minutos, em que Bébé tem fitado o sol, semi cerrando as palpebras, a sua mão é alcançada por elle, e adquire subitamente uma transparencia rosea. Olha então os seus dedos, mira-os e remira-os; mas punge-o de repente um pensamento profundo: — qual será verdadeiramente o papel d'elles, uma vez que ainda ha pouco acaba de verificar a sua perfeita inutilidade no conflicto da existencia, perante os simples ferrões de duas moscas?

Ergue o indicador, examina-o por todos os lados: — decididamente, esse dedito que os seus olhos vêem translucido ao sol, deve servir para alguma coisa, deve ter um fim que o seu cerebro não alcança. — (A não ser que...) — Bébé sorri; principia-se a fazer a luz no seu espirito. Continua a remirar o dedo, voltando-o, pondo-o deante dos oibos, approximando-o e afastando-o, ora embecendo-o no sol ora passando-o para a sombra, como um joalheiro que analisa uma pedra preciosa. Adivinha que vae resolver o formidando problema; e redobra de attenção, com os seus dois olhos muito vivos sobre o dedo muito espetado. Subito, Bébé sorri-se: — n'um rasgo de genio, brusco e decisivo como o grito de Archimedes, descobre afinal para que elle serve. — E recostando-se, triumphante, mette-o altivamente no nariz!



Escola do Exército — Curso de infantaria (2.º anno)

(1904-1905)

1.º plano, da esquerda para a direita: — Barnabé Ferreira, Costa Cabral, Fernando Lapa, Isaac Bastos, Mello Vieira, Duarte Frago, Vaz de Quina, Abreu Lima, Encarnação Aguiar, Coelho Teixeira, Jesus Moreira, Sousa Napoleão, José Ramos.

2.º plano: — Sousa Fino, Silva Ramos, Correia Villinho, Carlos Noronha, Orlindo Carvalho, Freitas Teixeira, Duarte Subtil, Vicente da Silva, Lopes Saldanha, José d'Oliveira, Araújo Leite, Oliveira Miranda.

3.º plano: — Marques Junior, Madeira Pinto, Tavares d'Andrade, Marsagno Pancada, Brochado Brandão, Raphael Oliveira, Castilho Nobre, Andrade e Sousa, Costa Pinto, Freire Quaresma, Tavares dos Reis Ernesto Empis, Pereira Magno, Viriato Rodrigues, Vieira d'Abreu, Carteador Mênz, Henrique Gomes, Pereira de Gouveia.

4.º plano: — Manuel de Carvalho, Pereira de Mello, Francisco Barros, José Moura, Herculano Ferreira, Ferraz d'Abreu, Costa Lobo, Nobre Madeira, Machado, Celestino Soares, M. Soares, João Ruilla, Jorge de Castilho, P. Bemfeito, Bernardino Guimarães, Gonçalves Dias, Madeira Montez, Ernesto Cunha.

# Caldas da Rainha

Parece que remonta ao tempo dos romanos o antigo estabelecimento balnear, de que hoje damos algumas gravuras. O hospital, porém, foi mandado edificar pela rainha D. Leonor em fins do se-



Dr. Augusto Cymbron Borges de Sousa  
Director do Hospital Real das Caldas da Rainha

culo xv. A este respeito correm impressas curiosas versões. Entre outras, cita o padre M. Jorge de S. Paulo, que foi provedor do hospital, a seguinte:

... Diz-se que esta rainha tendo um movito pela quaresma de 1483 nos paços reaes de Almeirim, do que esteve muito perigosa, ficando por muito tempo tolhida com dores, os seus facultativos a aconselharam, que no verão fosse tomar banhos quentes, que reventavam no termo da sua villa de Obidos, a rainha accitou este conselho e mandou construir um tanque onde se podesse banhar, e de tal modo melhorou, que logo prometeu mandar construir n'este sitio um hospital; este tanque ainda em 1656, existia, denominava-se — *banho da rainha* — e servia depois da sua morte para banhar os sarnosos, sendo mais tarde entulhado.

Outra versão, e que tem mais visos de verdade, diz:

... Vindo D. Leonor de Lencastre da sua villa de Obidos para a da Batalha em julho de 1484, onde estava el-rei D. João II, seu esposo, esperando a para assistir ás exequias annuaes de el-rei D. Affonso V, seu pae, e passando por aquelle sitio, viu alguns pobres a banharem-se em tanques de agua, que fumava, formados pela agua represada, e perguntando o motivo do que presenciava,



Estabelecimento balnear

responderam-lhe, que eram doentes, por que estas aguas faziam curas e muita gente tolhida sarava de todo ou quasi, então esta virtuosa senhora, n'esta occasião prometeu a construcção n'este sitio de um hospital, dizendo: — se Deus me der vida os pobres terão melhor cuidado em suas curas.

Seja como fór, a primeira pedra do hospital foi lançada em 1485,

e tres annos depois D. João II ordenou, n'uma provisão, que vinte homens maus e dez de boa conducta fossem povoar o novo lugar, concedendo-lhes privilegios e beneficios, e mandando construir casas de habitação n'um arruamento que se chamou Rua Nova, nome que ainda hoje se conserva. D. Leonor deu a administração do hospital aos conegos de S. João Evangelista, os Loyos, e junto d'elle mandou edificar um albergue para agasalho dos peregrinos, alimentando cada um só por dois dias.

Em 1512 concedeu ao hospital um regulamento ou compromisso feito pelo cardeal D. Jorge da Cunha, assignado pela propria rainha e confirmado por seu irmão el-rei D. Manuel, e approved pelo Papa Julio II; esse original existe ainda na secretaria do hospital.

Desde 1484 a 1740 ha noticia de ter tido o hospital trinta e oito provedores. Em 1799 o lugar de provedor passou a denominar-se administrador. Desde 1799 exerceram esse cargo: 1799 a 1833 — Dr. Antonio Gomes da Silva Pinheiro — 1833 a 1845 — Valentim Brito de Mello — 1845 a 1851 — medico Francisco Antonio de Almeida — 1852 a 1858 — José Bento de Mello Salazar — 1858 a 1860 — desembargador F. de Louzada Araujo — 1860 a 1862 — Manuel G. de Campos — 1862 a 1877 — Dr. F. Antonio de Rezende — 1877 a 1888 — Dr. Francisco Eduardo d'Andrade Pimentel — 1888 a 1896 — D. Rodrigo Maria Berquó — 1896 a 1902 — Dr. José Philippe de Andrade Rebello: por decreto de 21 de janeiro de 1903 foi nomeado director do hospital Real das Caldas da Rainha o illustre clinico dr. Augusto Cymbron Borges de Sousa, cujo retrato encima estas linhas, e a cuja iniciativa, alta competencia e actividade aquelle vasto estabelecimento muito deve já.

O hospital foi reedificado em 1747 por D. João V, que d'essa obra encarregou o brigadeiro de engenharia, Manuel da Maia, que fez construir aqueductos, fontes, minas e tanques para leprosoes e quadrupedes, paços do conelho e camara. Ha poucos annos ainda existia o tanque dos quadrupedes na rua do Olival de Baixo. antiga rua da Oliveira, e hoje rua Camões: foi demolido em 1896.



Pavilhão do edificio destinado ao Hospital D. Carlos I,  
e um trecho do lago no Parque

Clichés de Julio Paranhos.

Em 1889 um dos administradores que mais concorreu para o aformoseamento das Caldas, D. Rodrigo Berquó, deu principio á reedificação do estabelecimento balnear e hospital (que ficou terminado na gerencia do dr. José Philippe Rebello), e edificou um novo hospital, denominado D. Carlos I, que ficou incompleto: são de D. Rodrigo Berquó os traçados do bello parque e do lago.

Tal é a traços rapidos a resenha historica das antigas thermas romanas que uma rainha aproveitou e transformou guiada por um santo impulso de caridade.

O povoado das Caldas foi elevado á cathogoria de villa por D. Manuel ahí por 1500. O mesmo monarcha elevou a 40 os privilegios que D. João II concedera a 30 pessoas. Mais tarde D. Philippe I reduziu a 30 o numero dos privilegiados, ordenando que se succedesse por morte, renuncia, ou condemnação, sendo os provedores do hospital os encarregados das nomeações.

Em 1630 — cita Jorge de S. Paulo — havia entre esses privilegiados 1 medico, 1 cirurgião, 1 juiz, 1 boticario, 2 escrivães, 1 tabelião, 6 enfermeiros, 1 pintor, 1 ferreiro, 2 lavradores, 1 carpinteiro, 1 coronheiro, 1 alfaiate, 1 tangedor, 1 oleiro, 1 peneireiro, 1 pedreiro, 3 sapateiros, 1 moleiro, 1 almocreve, e 1 sem occupação.

A villa das Caldas tem por brazão o escudo real de D. João II com as Pallas Grilhadas de D. Leonor. A' esquerda um escudete em que se vê um pelicano no ninho, rodeado dos filhos: á direita outro escudete com uma rede espherica pendente. O pelicano, rasgando as carnes para sustentar os filhos parece alludir á Rainha

D. Leonor que se despojava das suas joias em favor do hospital. As rédes representam, diz-se, as que serviram para transportar o infante D. Affonso depois do desastre que o victimou: outros opinam que representam *almadravas*, ou rédes de pescar atum, que eram propriedade de D. Leonor no Algarve, rédes que eram empregadas no hospital.

A admissão de enfermos no hospital abre todos os annos no dia 15 de maio, dia de festa para a villa. Todas as enfermarias e dependencias garridamente adornadas, são abertas ao povo, depois de visitadas pelo director e pelas pessoas gradas especialmente convidadas para essa cerimonia.



## Excavações



Francisco Octaviano de Almeida Roza

(Curioso artigo escrito em 1861)

### I

Escrever ácerca do Brasil é tarefa difficil para quem n'elle reside. Affeições ou preconceitos podem fazer realçar o que é mediocre, ou menosprezar o merito real. Affeições porque a natureza é rica, as familias são hospitaleiras, os individuos affaveis, as apparencias de talento muito generalisadas, a propensão para o extremo elogio, ou extrema critica costume inveterado no paiz. Preconceitos porque as luctas da emancipação apartaram as duas nacionalidades, que mutuamente se calunniaram; e depois as idéas francezas, propagadas pela tribuna, pelo folhetim, pelos circulos de palestra, vieram desviar a nação de seus habitos tradicionaes, e revestil-a de trages alheios, dar-lhe certos gestos, certos pensamentos, antipathicos á velha raça latina de *Bracara Augusta* e de *Porto Cale*.

E' verdade que hoje a reacção contra o francezismo, — abastardamento da indole nacional, — começa em dois campos de grande poderio no paiz, — na litteratura e na politica. Sentindo a decadencia que veio á França da proscricção de Hugo, e da falta de entusiasmo pelos seus grandes mestres, — os novos escriptores brasileiros tornam a inclinar-se para o berço de sua linguagem, para a eschola rigida, severa e nobre da litteratura que deu ao Brasil os mais bellos nomes na arte de escrever, — *Caldas*, *J. B. da Gama*, *Gonzaga*, *J. B. d'Andrade*. Os homens politicos vêm com receio a diffusão das idéas napoleonicas; e a escolher entre as velhas tradições de nossos avós, que se afferravam ás instituições municipaes, não esquecendo a origem electiva da monarchia, e as doutrinas modernas do systema administrativo, em que o governo é a fonte de tudo, e a intelligencia popular fica condemnada á obediencia passiva, não hesitam em declarar-se pela maneira de sentir que mais se adapta á sua natureza americana.

Não é a condemnação de sua indole peculiar, é antes uma nova emancipação moral, que segue o methodo eclectico, para accceitar todas as doutrinas sãs, e repellir todos os elementos incompetentes, que podem affectar a organisação constitucional do paiz. Accceitam as theorias geraes, que os publicistas francezes derramaram pelas nações no grande rompimento de 1789, mas não se querem identificar com uma nação, que tudo tem sacrificado á idéa monarchica desde a sagração de Clovis até o plebiscito imperial do actual Napoleão. Mas em quanto o pensamento inteiro do paiz não se define, ficam em pé as antipathias contra as idéas severas da

antiga metropole, que em nada se casam com os modernos arre-biques francezes.

Procuraremos apartar-nos d'estes preconceitos, e ao mesmo tempo dominar as affeições, que nos prendem a este paiz. Não é prazer de pequena valia elevar-se por uma hora acima das paixões do momento, e prescrutar a civilisação que lentamente se fórma n'este grande imperio.

### II

O Rio de Janeiro exerce para o Brasil as mesmas funcções de Paris para a França, Weimar para a Allemanha, Florença para a Italia; centro a que affluem todos os espiritos eminentes, é a sua capital intellectual. Mas ha n'este paiz um preconceito injusto a seu respeito. Como successivamente tem predominado na politica os Paulistas, os Mineiros, e os Bahianos, negam a superioridade de seus filhos, e o inculcam como theatro de alheios meritos. Mas para quem tem aqui acompanhado com imparcialidade as evoluções politicas do paiz, parece esta asserção injusta, e em perfeita contradição com os factos.

Theatro das luctas tribunicias a capital brasileira adquiriu uma educação politica superior ás provincias. Os seus escriptores são talvez menos democraticos, menos federalistas, mas tem a superioridade da intelligencia governativa. Não ha adulação no que asseveramos, porque se nos guiassemos por nossos affectos intimos, dariamos antes applausos aos luctadores do systema federativo. Mas é mister confessar que nos dois grandes periodos da emancipação nacional de 1822 a 1831, e da organisação interna de 1831 a 1848, o Brasil não houvera conseguido tornar-se uma nação, se em vez das doutrinas governamentaes, tivessem predominado as idéas federalistas.

Em um paiz, como este, de immensa superficie, de instrucção secundaria limitada ás classes elevadas, em que a phylosophia economica predomina menos do que o affecto, a imprensa, é mais que os parlamentos centraes ou provincias, a grande tribuna em que o povo colhe as suas doutrinas.

De todas as mudanças que a revolução de 1789 operou, a que abriu a nova era das sociedades politicas, e portanto a mais importante, é a que chamou á deliberação governativa todos os cidadãos da nação. Out'ora era esta grande palavra *cidadão*, o privilegio do Romano, do Atheniense, ou do Carthaginez. Successivamente prestaram homenagem a este privilegio colonias, provincias, nações, partes do globo, que eram tyrannizadas por um Sylla, ou um Alcebiades, com tanto que estes abaixassem a cabeça aos ociosos,



Caldas da Rainha. — Torre da capella do Hospital Real  
Cliché de Julio Paramos.

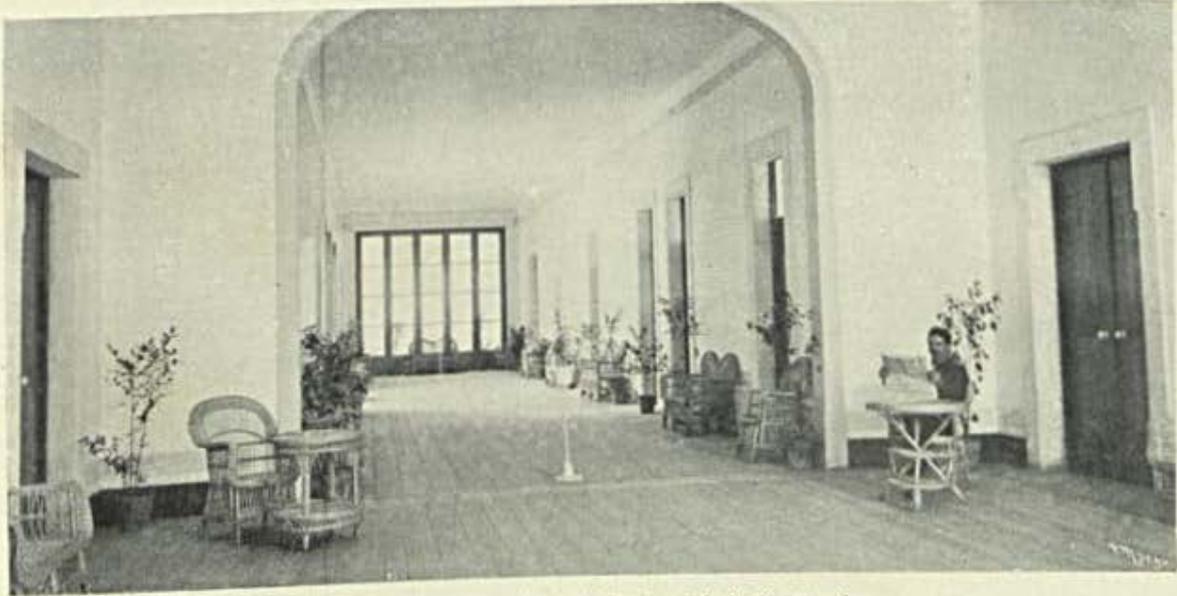
que iam dissertar no Forum, ou inventar argucias nos degrãos do portico. Com este systema, — que é o da dictadura dos centros intellectuales, — desenvolveu-se, cresceu, e veio a cair, invadida pelos barbaros, assoldados nas cohortes e legiões, a civilisação latina e hellenica. Quando ella deu foros de cidade aos italianos revoltados, apoz aos gaulezes, aos iberios, aos godos, a idéa perdeu se na anarchia, foram-se as tradições do governo, e os descendentes de Arminio e de Vercingetorix, pensando cingir a corôa soberana dos velhos tempos de Actium, só encontraram sobre a fronte o seu capote de ferro. Era o predominio da força.

A imprensa veio libertar as nações d'estas dictaduras centraes. A revolução de 1789 enunciou esta grande innovação, e os inventos da industria facilitaram-lhe a pratica.

## III

Ha épocas ferteis em homens de subido merito. Quando a organização politica assentou em bases duradoiras, mas não definitivas, — porque n'esta nossa marcha para a civilização evangelica

gulho nacional talentos de grande futuro. O sr. *Gonçalves Dias*, que já pertence á posteridade pela excellencia incontestavel de suas primeiras poesias, — renovou com estrepito e gloria o gosto poetico da geração nova. O sr. *José de Alencar*, estreando-se no duro mister de folhetinista, soube dar ás folhas soltas das revistas, que os diarios enviam ao esquecimento subsequente, e talvez aos estudos dos eruditos da posteridade, — mais do que ephemero valor, — o valor intrinseco do estylo. A penna habil, que brincava com os leitores do *Mercantil*, entretendo-os agradavelmente com a fantasia, em troca das noticias por que em vão esperavam, já revelava



Caldas da Rainha. — Hospital Real — Galeria do 1.º andar

não haverá paradeiro talvez por seculos, — nascem da quietação dos espiritos as idéas conservadoras. A mocidade, propensa ás grandes emoções, não pôde dedicar-se então a uma carreira, em que os combatentes estão de armas descansadas, e contrarias fique as leiras praticam em amigavel conferencia. Para ella a politica é a excitação das turbas, as luctas renhidas na tribuna, a eloquencia calorosa da imprensa, quando a ousadia recebe applausos, e o cal-

o futuro auctor do *Guarany*, romance, que, apesar de imperfeito no plano, é talvez das melhores composições brasileiras. N'essa patria do sol e da poesia — o Maranhão — realçava-se com o seu estudo de Vieira, um talento mais austero, que se lançava a assumptos mais trabalhosos, sem perder as graças de estylo, que andam ligadas ao nome de *Timon*, que adoptou e mereceu. Estes e outros nobres espiritos muito promettiam, e em parte justificaram a expectativa. Se ainda as obras de longo folgo, de estudo aturado, de valor immorredoiro, são poucas, não os accusemos, — o sol dos tropicos, se illumina splendidamente os talentos, tambem em breve lhes gasta a força vital. N'esta terra de primaveras e tempestades ha muitas manhãs lindas, muito rebento viçoso de folhas e flores, mas poucas tardes estivas, e nunca houve um outono.

Entre estes jovens, que então se estrearam, um houve, que já trazia a sua reputação firmada dos bellos annos academicos de S. Paulo. Se mais tarde o sr. *Felix da Cunha*, ao subir os degrãos da tribuna politica, já era uma grande esperanza, — o sr. *Francisco Octaviano*, ao entrar para a redacção da *Gazeta Official* em 1846, dava mais valor a essa folha, com as promessas de valentia e graça de seu espirito. Com talento natural para os estudos politicos, sem poder vencer esta vocação, comprehendera comtudo que as letras não desmereciam da sua nova carreira, e que a gloria litteraria sempre ennobrecera os homens politicos. Nem todos assim o julgam, porque nem todos teem entendimento igual á sua reputação.

## IV

O sr. Francisco Octaviano de Almeida Roza é fluminense. Nasceu no Rio de Janeiro a 26 de Junho de 1825. Seu pae era um medico estimado pelos homens do seu tempo.

O talento revelou se cedo no futuro jornalista. Ainda então não viera a falsa etiqueta do francezismo viciar a vivacidade e alegria dos costumes nacionaes. Os jovens não occultavam o chiste de seu espirito, e as damas não recusavam os seus sorrisos, quando o coração lhes pulsava. No meio da sua geração, ainda festiva, ainda conservando as graças da fantasia, que são particulares aos fluminenses, o sr. Octaviano distinguia se nas reuniões pela jovialidade gentil de seus dictos, e pela sensivel expressão das pequenas composições, que nas vagas academicas escrevia. Aos vinte annos já estava formado em sciencias juridicas pela Academia de S. Paulo.

A amenidade de seu trato não occultava frivolidade. Os estudos serios foram-lhe facéis. Recreava-se em Byron, afiava o estylo na pedra difficil e escorregadia de Michelet, mas não se esquecia de Benjamin Constant, de Royer Collard, ou de Macaulay. Na patria presava os espiritos nobres, — que como *Aguar de Andrade*, haviam semeado as idéas da grande litteratura, ou, como *Vasconcellos*, fundado a nacionalidade pela legislação. Como *Olympio Machado*, — bello futuro encerrado prematuramente no tumulto, — já se adestrava nas lides politicas. Se as folhas litterarias da Academia guardavam-lhe as confidencias poeticas, outras folhas mais



Caldas da Rainha. — Cadeira na enfermaria de Santo Antonio, no dia da abertura do Hospital Real, em 15-5-905  
Clicbô do Julio Paramot.

culo desaparece dos discursos. Contraria ao arrefecimento das paixões, á conciliação de oppostas idéas, — volve-se n'essas occasiões para outro estadio, o das letras, — em que se não ha os enthusiasmos irreflectidos do momento, compensa-os o enthusiasmo postumo pelas grandes realidades historicas.

De 1845 a 1854 o Brasil passou por uma d'essas épocas felizes para as letras. Manifestaram-se grandes vocações, sorriram ao or-

experimentadas na vida pratica, já recebiam o cunho faceto e temerario de sua penna politica.

Voltando á cidade natal em época de dominio do partido decentralizador, alistou se com lealdade entre os seus defensores na imprensa, não por culto exagerado aos homens, mas por tendencia de idéas. A sua redacção na *Gazeta Official* não lhe desmereceu a



Caldas da Rainha. — O Poço

reputação. Em breve a direcção principal foi-lhe entregue, e o jornalismo do Brasil, em progresso desde o *Despertador*, recebeu mais alguns melhoramentos. Não eram mais artigos de interesse pessoal, que exclusivamente preenchiam as suas columnas; todos os grandes interesses sociaes eram ali contemplados. Havia paginas para o expediente governativo, mas tambem para a instrucção do publico. Porém a folha não durou muito; em 1848 o governo suspendeu a sua publicação. Razões, que honram o redactor principal, tinham occasionado a suppressão d'esta verba, que aos olhos dos politicos de vista curta não se podia justificar perante o orçamento.

Em breve o *Jornal do Commercio*, asylo dos talentos que passeiam pela litteratura, desgostosos das luctas politicas, — acolheu o habil escriptor, não como invalido da imprensa, mas como individualidade robusta, que promettia muito ás regiões litterarias da folha, e ás suas columnas de interesse pratico. A *Semana*, rodapé franjado de ouro d'aquella folha, fundou no paiz o verdadeiro folhetim. Se não se reconhecia em suas linhas de erudição variada, de improviso facil, a perfeição de estylo, o caracteristico particular do auctor, que mais tarde se desenvolveu, já havia muita elevação de vistas, muita generosidade de idéas, para ir revelando, que aquelle espirito estava ao par dos mais adiantados estudos dos escriptores europeus. Ao mesmo tempo a parte superior do *Jornal*, enriquecia-se com trabalhos sobre materias, até então julgadas secundarias pelos graves espiritos, que datavam do seculo passado, e punham os estudos de administração, estatistica, e instrucção publica em paralelo com as novidades francezas dos perfumistas e cabeleireiros. Se a discussão promovida pelo sr. Octaviano, não sortiu todo o effeito desejado; se ainda os inspectores de quartelão teimam em fabricar familias fabulosas, para as listas de recenseamento, e a administração central em passar a estatistica para a classe das sciencias especulativas; — se a instrucção publica ainda não recebeu organização nacional, em que todos os élos sejam systematicamente fundidos e encadeados, até formar um quadro harmonioso, e por conseguinte crear as idéas geraes, alimento do espirito nacional; — algum resultado se colheu pela maior severidade dos exames, pela ampliação dos estudos,

pelos ensaios de colligir dados estatisticos, pouco subsidiados é verdade pelo governo, e em que um particular, o sr. *Padre Thomas Pompeu*, do Ceará, mais tem primado.

Estes estudos requeriam mercedos applausos e recompensas da classe mais illustrada do paiz. O sr. Octaviano, coadjuvado por familias, que se distinguiram pela educação e caracter, apoiado nos collegios eleitoraes de Campos e Vassouras, — os mais adiantados da sua provincia natal, — entrou em 1853 para a camara dos deputados. O instituto dos advogados elegeu-o para seu secretario: já antes o fôra da provincia do Rio de Janeiro, e depois da comissão encarregada de organizar a estatistica. O conselho director da instrucção publica, contando-o entre seus membros, sentiu a invasão das idéas novas. Era a personificação de uma geração mais pratica, mais litteraria, que succedia aos homens habéis e dedicados de 1831, os quaes presavam menos a litteratura e a administração do que os certames politicos de discussão theorica.

O *Correio Mercantil* fundado em 1844, para auxiliar o restabelecimento do partido progressista, e que fora successivamente sustentado pelas habéis pennas de *J. A. Marinho*, *Salles Torres Homem*, *Silva Paranhos*, *José de Assis*, e *Domiciano Leite Ribeiro*, era em 1854, sob o domo expirante das idéas de resistencia, o ultimo representante das tradições quasi apagadas do lado contrario. O Sr. *F. Octaviano* saindo do *Jornal do Commercio* entrou para aquella folha, levando ao arraial dos lidadores em descanso, ampla bagagem de idéas do progresso, para mais favoraveis tempos. Em breve um casamento uniu o distincto jornalista á familia do Sr. *Moniz Barreto*, proprietario da folha, — familia em que o gosto pelas letras é hereditario, e que enriqueceu o seu merito tradicional com esta nova alliança.

De 1854 a 1861 o espirito publico entrou em nova evolução O *Marques de Paraná*, — homem talhado pelo molde de Pombal e Cavour, mas sem os meritos litterarios d'estes, — ensaiou a applicação de novas idéas politicas, fazendo-as acompanhar dos melhoramentos industriaes da civilização moderna. Decretaram-se circulos eleitoraes e incompatibilidades politicas, organisaram-se associações para a navegação dos grandes rios, construcção de caminhos de ferro, e junção de capitães applicados á industria. Esta mudança nos habitos tradicionaes do paiz tendia a substituir o governo exclusivo do centro pelo das localidades, a representar no parlamento todos os interesses, e dar na administração mais força ao poder monarchico, destruindo a resistencia das grandes facções, dissolvidas sob a influencia das rivalidades pessoas. Na ordem



Caldas da Rainha. — Sala de inhalações e pulverizações  
Clichés de Julio Paranhos.

economica a liberdade de industria encetava os seus primeiros ensaios, procurando fazer por meio de empresas particulares, os melhoramentos, que as difficuldades administrativas do paiz addiavam para mais tarde. Era a natureza americana, rica de idéas vastas, personificada em um grande homem, que reagia contra a indole latina — de acção exclusiva do estado, sem comtudo perder

os seus vestígios de origem, pois a iniciativa partia ainda do proprio governo.

Desde então os espiritos começaram a alistar-se no paiz em dois campos. De um lado os partidarios do governo do paiz directamente pelas suas influencias, realisado o systema do dominio parlamentar, até o ponto que comporta a educação politica da nação; o desenvolvimento do trabalho livre pelos meios indirectos, pela liberdade religiosa, pelas vias de comunicação, pela irradiação do credito, — era o alicerce fundo em que queriam assentar as suas idéas; as consequências immediatas eram passar da mão do governo para a iniciativa pessoal todos os interesses maiores do estado, e a força motriz, apertada no circulo estreito da capital, expandir-se e aviventar todas as provincias. Do outro lado os partidarios da unificação do paiz pela constante acção administrativa, pelo dominio exclusivo do catholicismo nos novos centros de população e nas novas leis civis, e pela organização das industrias sob a tutela directa do estado.

Aos conservadores das tradições governamentais do velho regimen, devia de preferencia convir esta ultima ordem de idéas; á mocidade que se embriaga na lucta, que detesta todas as tutellas, que sonha com o progresso rapido, com o engrandecimento instantaneo do paiz, competia adoptar com enthusiasmo as tres liberdades, industrial, religiosa e parlamentar.

Idéas governamentais até dezembro de 1858, deixaram estas ultimas de sel-o com a subida do ministerio Salles — Torres — Homem. Então a scisão dos partidos operou-se mais francamente. O Sr. F. Octaviano, deputado á legislatura de 1856, acompanhou os jovens do seu tempo. Não se contentando com os trabalhos da imprensa, subiu tambem á tribuna, para defender as suas idéas. Desde então, ora nas discussões economicas do parlamento, ora na guerra de atradores da imprensa, nunca deixou de seguir a mesma linha de procedimento. O grito de guerra! guerra! ás velhas crenças administrativas de 1842, foi soando em todos os seus discursos, em todos os seus artigos, rapidos, incisivos, sorrindo com o bom senso das suas criticas, elevando-se com as aspirações valentes de suas idéas, fertilizando-se com as invenções partidarias da sua imaginação, que davam o santo ao povo, nas denominações caracteristicas com que baptisava os contrarios.

Ha n'estas luctas merito subido, porque do lado fronteiro não fallecem talentos, boas razões politicas, grandes conhecimentos praticos. O Sr. Justiniano Rocha é uma penna fertil, flexivel, que se amolda a todas as idéas adoptadas pelo seu partido, sem temer se amolda a todas as idéas adoptadas pelo seu partido, sem temer a maior diversidade de materias, nem perder a fluidez e elegancia do seu estylo attico. No *Jornal do Commercio*, em communi-

luctavam em força de raciocinios sem desvantagem, e com habilidade insinuante para o povo.

Os eleitores da côrte tendo em janeiro de 1861 de escolher tres partidarios das novas idéas, recompensaram o zelo do distincto jornalista, dando-lhe uma cadeira no parlamento em época difficil para o paiz, que em tão grande crise chamava á representação os



Caldas da Rainha. — Hotel Lisbonense

Cliché de Julio Paramos.

seus maiores talentos e mais provadas vocações. Na camara se sentaram os dois Ottonis, almas democraticas, e espiritos administrativos de grande alcance, Zacharias de Goes, intelligencia elevada, que se lança á discussão das mais dificeis theses constitucionaes, — J. B. d'Andrade, herdeiro de um grande nome, ao qual não demercede na alma, vencendo-o na eloquencia, — Felix X. da Cunha, que como Lamartine sabe unir á poesia as razões do estadista, Alvaro Tiberio, José d'Alencar, Gomes de Sousa, e muitos outros, que asseguram o futuro intellectual do novo imperio.

Aqui se encerra a nossa exposição de factos, porque nada escrevemos para a actualidade, procurando só o exame imparcial da historia, que não se arregimenta, e no nosso caso não tem direito a arregimentar-se, em fileira alguma.

## V

O sr. F. Octaviano pertence ao numro dos semeadores de idéas, que as nações novas recebem da providencia, para a elaboração mysteriosa de sua civilização. Honra a estes trabalhadores do porvir, que nunca verão em fructos sazonados os rebentos de suas plantas queridas! Honra a estes jornaleiros sem salario, que se destinam ás obscuridades gloriosas no mundo official, e que dominam o futuro pelo influxo de suas idéas!

Eil-os que vem de todos os lados do horisonte, com a fronte elevada, com a crença no coração. Passam, e as turbas não se inclinam. Pregam a religião do progresso a espiritos em rebeldia. Cingem ora a corça e a capa de arminho, e vem sentar-se modestos e crentes ao par dos homens da sciencia, que se confinam entre os mappas e os manuscritos; — ora sahem da industria, armados da força monetaria, não para enthesoair tristemente, mas para lançar os capitaes pelo espaço, em pontes, em linhas telegraphicas, em viaductos, em borbotões de fumo, que movem navios e locomotivas, aparelhos industriaes e machinas para a sciencia, — ora são benedictinos da civilização moderna, que nos cantos dos gabinetes exploram as idéas do velho mundo, colligem os vestígios do seu adiantamento historico, e adoptando as creações tradicionaes do pensamento á peculiar organização do seu paiz, lhe preparam o progresso moral, realidade invencivel, que resiste aos invasores tartaros, a Attila, á inquisição, aos caudilhos dos Pampas, e floresce vencedora na religião de Confucio, nos discursos de Lacordaire, nas idéas de Ghioberti, nas creações poeticas de Marmol.

A insaciada é a doença mortal d'estas almas, que almejam por devorar o espaço. Nunca! nunca verão a patria realizar o engrandecimento, para que trabalham. Sabem que ha de ser uma grande nacionalidade; que a civilização moral terá n'ella um representante atravez dos seculos; que aqui o christianismo se elevará na pratica pela fraternidade das raças; que as regiões fronteiras virão mais tarde receber o influxo de sua civilização; que o sul do continente americano conservará a sua independencia ante os estranhos, amparado em sua unidade governativa. Sabem que estes rios magnificos, rasgando com suas ramificações os sertões da America, hão de ser devassados por grandes linhas de vapores, e unidos por caminhos de ferro collossaes; que grandes povoações hão de surgir com o encontro e união d'estes elementos industriaes; que o trabalho livre ha de fortalecel-as, aproveitando para a industria as riquezas naturaes do paiz. Mas quando soará essa grande hora no campanario secular? Tarde! bem tarde. E os tumulos não se abri-



Caldas da Rainha. — Enfermaria de Santa Isabel

cados da situação, batalhavam ha pouco não vulgares pennas. Era o sr. Salles-Torres-Homem, illustração litteraria, com instrução vasta de theorias economicas, arredondando os seus periodos sob reflexo magico de pensamentos graves, elevados, a que as generalidades dão certa solemnidade; eram os srs. Silva Paranhos, Pereira da Silva, e outros, que pagavam o ridiculo em boa moeda, e

rão, as camadas de terra não hão de separar-se para deixar passar da solemnidade da morte aos esplendores da vida o monarca civilizador, o industrial audaz, o escriptor generoso, que morreram sonhando com a grandeza da patria... poetas do porvir!

O sr. F. Octaviano não desmente pessoalmente a expectativa d'aquelles que sómente o conhecem pelos seus artigos. De estatura elevada, magro, tem a cabeça alta e estreita, com o verdadeiro typo nacional; a sua fronte é poetica, os olhos, vivos e expressivos, revelam a mobilidade e calor do espirito; os labios abrem-se-lhe em sorriso, que parece ironico, mas não deixa de ser benevolente; ha riqueza em seus movimentos; não é o homem de letras fossil da antiga sociedade encerrado na Torre do Tombo, ou na bibliotheca de Santa Genoveva; é uma natureza meridional, ora activa, ora indolente, mas em que sempre ha variedade de gestos. O órgão da

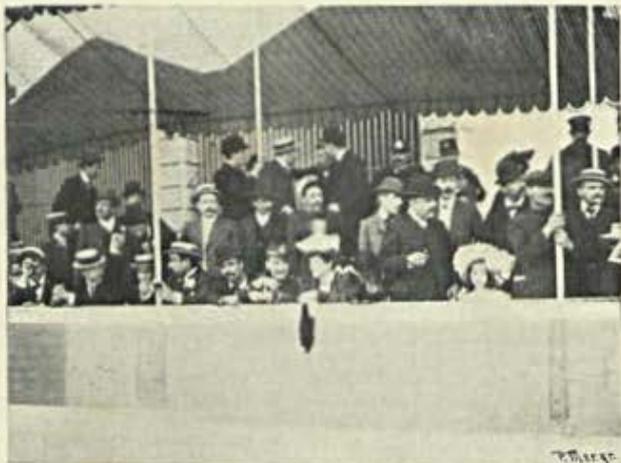


Caldas da Rainha. — Hotel Lisbonense (casa de jantar)  
Cliché de Julio Paramos.

voz não é forte, mas supprime a expressão rapida, instantanea do accionado, que pinta aos olhos a multiplicidade das idéas. Não temos a honra de o conhecer intimamente, mas os familiares amam-lhe a indole, mais poetica e descuidosa, do que a maior parte dos homens politicos, que em nossa época antes cuidam em hebraisar a vida, do que em pugnar pelas idéas.

Como escriptor, o seu estylo é castigado; não gosta de grandes periodos, nem de grandes artigos; a dicção é sempre cuidadosa, a linguagem expuria de francezismos, quanto o comporta a terminologia politica em uso no paiz. Se escreve segundo a escola de linguagem de Rebello da Silva e Latino Coelho, não é menos patriota, e amante da autonomia do seu paiz do que aquelles cavalheiros do nosso. Não presta cultos aos napoleonismos da politica, porque detesta as inversões constitucionaes, que poderiam adoptar o seu paiz a uma organização impropria da natureza americana. Se na

### NO VELODROMO



Assistindo ás corridas de «bicyclettes»

maneira de argumentar se approxima da argucia concisa dos francezes, não lhes imita as tendencias para a centralização absoluta, para a descrença politica, mas para a deificação das personalidades. É soldado das idéas, não dos homens. Não crê no ultramontanismo,— nas doutrinas reaccionarias pré-gadas pelo sr. padre Pinto

de Campos, que tolheriam por seculos o progresso do imperio,— mas aquella arma ardente do *hymno mineiro* é por certo da religião de Lacordaire e Vieira. A guerra de atiradores é o seu forte. Ninguem se expõe ao fogo do inimigo mais alegre e audaz; envia-lhe settas, que se embebem no corpo, e doem fundo. Inventta ditos ar-

### NO VELODROMO



Os corredores

gutos, e em volta d'elles lavra os seus artigos. Leem o amigos e contrarios; porque as graças do espirito a todos seduzem. Na imprensa, ou na tribuna, quando assesta a artilheria ligeira contra os inimigos, a brecha é certa. Ha tanto senso pratico em suas apreciações, que não seria de admirar se o publicista occultasse o administrador habil.

Fazemos votos para que esta previsão se realice.  
Vassouras, 8 de agosto de 1861.

REINALDO CARLOS.

### NO VELODROMO



Na pista

## Idéas irmãs

Ninguem lhes sabe a exacta procedencia.  
Filhas talvez dos tempos que se contam  
Partindo d'uma quadra a que remontam  
As dôces alvoradas da consciencia!

Feitas da mesma primitiva essencia,  
Corfundem-se no berço em que despontam,  
Como dois galhos rigidos que apontam  
No mesmo caule antigo da existencia.

Concebe-as d'este modo a mente humana:  
Como dois astros, cuja luz se irmana  
Nas profundezas de longinquos céus...

Dois grandes pólos em que gira a Terra,  
— Do Amor vêm a familia, o estado, a guerra;  
Nascem da Morte a alma, o culto e Deus!—

ODILON NESLÔA.

# Pascoa n'aldeia beirã

## Um episodio da vida parochial

— Boas festas, boas festas! alleluia, alleluia! . . .

Fresca manhãsinha d'abril; repicam os sinos; cantam os rouxinoes *preghieras* d'amor; chilreiam as andorinhas — as gallinhinhas do Calvario — nas cornijas da velha Egreja; perfumam as madresilvas os caminhos aldeões; e o senhor abbade lá vae prazenteiro . . .

Era um bom o senhor abbade. Na freguezia d'elle apenas o Pinto *gostava pouco do senhor abbade!*

Fôra por que, uma vez, por as eleições, o Pinto, que era um basófia, engodado por umas hypocritas zumbaices do medico da villa, inimigo politico do senhor abbade, tinha promettido que iria contra o seu pastor, — e que *lhe havia de tirar muitos votos, se o fizessem regedor.* — (Rimava, mas não saiu certo.) Por fim, não lhe tirou voto nenhum! Nem sequer o proprio voto deu á parcialidade do medico. No dia das eleições, como visse que era o unico da freguezia que ia contra o senhor abbade, teve medo, e, fingindo-se doente, deixou-se ficar em casa.

Corriam então as coisas muito mal ao Pinto! Más iam as Paschoas para elle! Mettera-se n'uns negocios . . . intrujaram-no . . . perdera bastante dinheiro!

Tinha recorrido ao crédito, e assignara uma letra ao brasileiro . . .

Este, como o praso da letra tivesse terminado, ameaçava-o de lh'a protestar . . .

Era a perspectiva da penhora, — bens á praça ou venda forçada — ao desbarato! . . .

Pobre Pinto!

Na aldeia logo se sabe tudo.

Um que não gostava do Pinto dissera ao senhor abbade:

— *O seu amigo* Pinto está á dependura! — e conta-lhe o caso da letra . . .

O bom do abbade, chegado cerca do Aido, onde morava o Pinto, enveredou por uma azinhaga que ia dar á casa d'este.

Um bando de creancitas correu a beijar-lhe a mão, que elle abriu, cheias d'amendoas . . .

Pareciam um bando de pintinhos á roda da mãe, atropellando-se, soffregos pela cubiçada pitança.

Entrou em casa do Pinto o senhor abbade.

— Boas festas! alleluia, alleluia! — O sacristão ia dando o Senhor a beijar enquanto o senhor abbade, sorridente, deitava agua benta e dizia em latim a saudação paschal . . . alleluia, alleluia!

Sobre uma mezita, coberta com alvissima toalha de vistosas rendas, estava um prato de louça fina no meio do qual avultava uma laranja onde o dono da casa tinha espetado doze vintens em prata.

Era um foliar de abastados. O Pinto quizera fingir de rico, mesmo n'aquelle occasião. N'uma outra meza um cangirão, onde espumava o verdásco; ao lado uns copos e um pão de ló. E o Pinto:

«Vá, meus senhores: façam favor . . .» E ia deitando vinho nos copos. Enquanto alguns bebiam, o abbade disse ao Pinto que precisava muito de lhe dar umas palavrinhas em particular. O Pinto sobresaltou-se um pouco, mas caíndo em si, e vendo a bondade tão pelo claro demonstrada n'aquelle rosto sorridente, e illuminado por um franco e affectivissimo olhar, disse ao abbade que estava ás suas ordens. O abbade pediu licença, tirou a estola, e foi com o Pinto para o interior da casa. Pouco tempo se demoraram: porém quando chegaram á presença dos que ficaram a deliciar-se com o pão de ló, e com o bello verdasco, o Pinto com o rosto afogueado, e os olhos arrazados de lagrimas, exclamou, n'uma expansão de gratidão irreprimivel: — Sejam todos muito boas testemunhas em como o senhor abbade acaba de me emprestar cento e vinte libras! — e n'isto assoalhava-as d'um chapcu para cima da meza. E como o abbade quizesse obstar-lhe, elle, n'um repellão, gritando: — Deixe-me cá senhor abbade, senão arrentento! O senhor é um santo! Anda cá, mulher! Andem cá, filhos! Ponham-se já todos de joelhos e beijem a mão do nosso bemfeitor! do nosso pae! — E como o abbade quizesse esquivar-se . . . — Não fuja! tenha paciencia! — E n'um atropello de phrases e de exclamações, contou o caso da letra protestada . . .

— Ah! senhor abbade! Se um dia precisar d'um cão para lhe guardar a porta, aqui está o Pinto!

E batia no peito palmadas de tamar toneis!

— Pois sim, pois sim, . . . mas agora dê-me licença para continuar com o foliar senão nem n'um mez! . . .

— Quebrou-me os braços senhor abbade!

E ao passo que a mulher do Pinto, uma excellente creatura, beijava a sobrepeliz do abbade, ia este enchendo de beijos as caritas, e de amendoas as mãos das creanças . . . E já de fóra da porta o abbade, risosinho:

— O' Pinto; amigos amigos, mas os votos á parte.

— Bata senhor abbade, bata que eu mereço tudo!

— Vocemecé merece mas é que Deus o ajude, e á Santa que Elle lhe deu por companhia. É lá estamos ás ordens.

A mulher do Pinto deliciavam-na as lagrimas que n'aquelle espasmo celeste lhe inundavam o rosto e mais os dos dois filhitos, que sentára no collo . . .

E lá vae o senhor abbade, *delindim, delindim*, a tirar o foliar, mais alegre do que nunca, mais chalaçador do que sempre . . .!

FREY ANTONIO.

## Globe-trotters



Consigny Fernand e sua mulher



Clichés de A. Lima. No jardim da Escola Polytechnica

Dois arrojados projectaram dar a volta ao mundo a pé, em 6 annos e sem um vintem nos bolsos. Levam já de vencida 5 annos e meio até hoje. Deem estar de volta a Paris (de onde partiram em 5 de febreiro de 1899) no dia 10 de julho de 1906. Se conseguem ser pontuaes, ganharão 29.000 francos propostos pelo Toring-Club. Os dois andarilhos, cujos retratos damos, são Consigny Fernand e Josephine Consigny, sua mulher. Partiram para o Norte ha 5 dias. Boa viagem.



O mal sem remedio, o mais certo que tem, é fazer da necessidade virtude.

LUIZ DE CAMÕES.

## THEATROS

**D. Amelia, D. Maria, S. Carlos, Colyseu e Principe Real.**

O theatro no presente e no futuro. O theatro livre

O theatro interessa n'este momento o publico, não pelo presente, mas pelo futuro. O presente foge, bate as azas, e deixa-nos apenas . . . a esperança.

Os artistas hespanhoes, que durante a ultima temporada fizeram as delicias da sociedade elegante no **D. Amelia** foram procurar outras regiões, aspirar outros ares, receber as palmas d'outros publicos.

A Vitaliani, que deixou immersos na mais profunda nostalgia da arte os corações dos seus fideis, que de **D. Maria** a seguiram a **S. Carlos**, foi mostrar ao Porto que não tinha esquecido os que da primeira vez se lhe haviam conservado fidelissimos na cidade que guarda a memoria do seu real compatriota Carlos Alberto.

E não serão decorridos muitos dias sem que a companhia lyrica italiana, que no **Colyseu dos Recreios** tem representado com applausos crescentes todas as operas do grande repertorio, deixe todos os seus milhares de admiradores sob a impressão saudosa de tantas noites de entusiasmo.

Aos theatros de representação portugueza um só theatro sobreviveu: e do **Principe Real**. Mas esse tanto patriotismo meteteu n'uma peça de grande espectáculo — *Glorias d'alem-mar* — que, se não em arte, em patriotismo pelo menos, leva a barra a todos.

Aos olhos do espectador fascinado passam todos os feitos heroicos dos ultimos annos, todos os nomes que se celebraram nas campanhas d'Africa, e com uma tal precisão de datas, de numeros, de quantidades de mortos e feridos, e até de officios burocraticos, que por vezes mais nos parece estarmos, não deante do palco de um theatro mas deante de uma secção de estatistica.

Pelas intenções, que vão desde a apresentação das duas rainhas até á fusilaria que mata negros como tordos, não ha obra mais meritoria nem mais propria para fazer ferver o sangue nas veias ou para levar os espectadores a erguerem vivas e tocarem hymnos como os que a todos os minutos nos entram pelos ouvidos dentro. Assim a arte passasse por sobre essa onda de patriotismo retumbante! Assim o auctor d'aquella peça em 3 actos e 9 quadros, o sr. Xavier d'Araujo, se tivesse convencido de que no theatro se requer menos sentimento guerreiro e mais sentimento dramatico, em resumo, menos entusiasmo e mais arte.

A musica, de Lacueva, tem numeros bonitos, trechos inspirados, na scenographia destacam-se os trabalhos de Pina e Machado, e o desempenho foi correcto, sobresaindo nos seus papeis Santos Junior, Chaves e Luciano.

E é o que ha a registar com relação ao presente, porque o resto pertence . . . ao futuro.

E o futuro está no **D. Amelia** que, com Lucilia Simões, os dois Rosas, Palmyra Bastos e os outros artistas que constituíam a companhia do theatro Avenida nos vae dar, além das *estrellas* estrangeiras que já se annunciam, espectaculos em primeira mão de novidade sensacional.

O futuro está em **D. Maria** que pode muito bem dizer de si a phrase popular: não ha fome que não dê em fartura.

E pode repetir-a com tanto maior segurança de não falsear a verdade quanto é certo que a limitada companhia d'esse theatro vae ser fortalecida com elementos novos e valiosos, entre os quaes destaca a figura primacial de Brazão, com artistas do valor de Adelina Ruas, de Ignacio Peixoto, de Maria Pia de Almeida e de outros ainda, dando todos a garantia de que poderão d'orávante ser desempenhadas n'aquelle palco, com brilho condigno, peças que d'elle estavam afastadas por falta de artistas.

O futuro, emfim, está no **Theatro Livre** que vae dar ao publico de Lisboa a sensação de um theatro novo, de uma arte nova, cheia de novos aspectos, de novos pontos de vista, de novas emoções.

Aguardamol-o com o vivo interesse de quem tem confiança em alguma coisa que tenha o poder de arredar para longe a banalidade, dando um banho de original e de inédito ao espirito.

JAYME VICTOR.